

INFORMAFRICATIVO 57

EMEFEJA Oziel Alves Pereira – AFRICANIDADE É AFROCENTRICIDADE!

EDIÇÃO 57 – Julho 2024 – Circulação virtual - impressão: 2500 panfletos e 1000 cópias A3

EQUIPE GESTORA: Mariana D. Barreiras, Fernanda M. Bestetti, Ana Rosa Mobilon, Cintia C. Santos

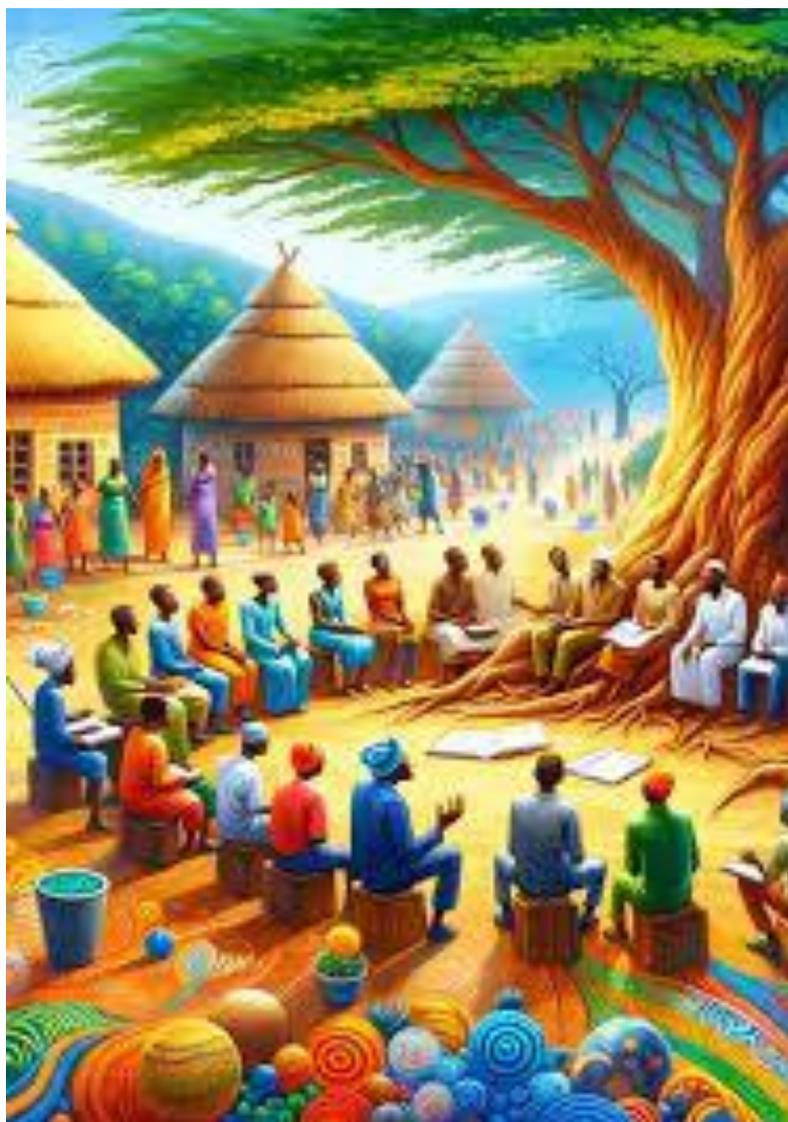
ENDEREÇO: Rua Fauze Selher, 446 – Parque Oziel – Campinas – SP - CEP: 13049066

RESPONSÁVEL: Wilson Queiroz – wilsonq10639@gmail.com. F: 32696232

APOIO: CONEPPA – Coletivo Negro com Práticas Pedagógicas em Africanidades –
CEFORTEPE – Centro de Formação, Tecnologia e Pesquisa Educacional – GEPEC –
Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada.

CAMPANHA PERMANENTE: Biblioteca e Racismo: Quando o acervo é a prova do crime!

Acesse: <https://www.fe.unicamp.br/a-fe/biblioteca/recursos-line/boletim-informafricativo>



CONEPPA

COLETIVO NEGRO COM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM AFRICANIDADES

CONEPPA – O coletivo negro com práticas pedagógicas é um espaço onde profissionais da educação da cidade de Campinas e região metropolitana se encontram periodicamente, ou mantem contatos on-line, através de um grupo de whatsapp, dialogando sobre os sonhos e possibilidades de uma educação em africanidades, onde a humanidade negra não pede licença, nem se submete ao racismo pedagógico, trazendo para a realidade de todas as crianças, com as quais trabalhamos a possibilidade de se sonharem cotidianamente, com todas as especificidades que nos constitui e quais os mecanismos para que os nossos sonhos sejam possibilidades de estudarmos numa escola e sociedade afro referenciada. Criado em 2013, o coletivo se mobiliza na busca por construir e viabilizar práticas cotidianas e movimentos pedagógicos humanizados da população negra.

PARCERIAS – O Projeto Africanidades-Infomafricativo-Institucional, desenvolvido na EMEFEJA Oziel Alves Pereira, esse ano tem firmado em maior intensidade, a necessidade de divulgação e fortalecimento de parcerias com outras escolas e instituições, favorecendo a possibilidade de fazer da prática pedagógica da equipe gestora e pedagógica, possa ser vista para além dos estereótipos e preconceitos, que geralmente as favelas e ocupações são tratadas do ponto de vista social e sobretudo pedagógico e didático. É sabido institucionalmente que os indicadores de desenvolvimento humano, evidenciam as privações que as populações que vivem nesses espaços, são obrigadas a superar para que possam sair do abismo social naturalizado pelas políticas públicas de estado. Destaco nessa edição algumas parcerias importantes que foram até o momento efetivadas e que trazem esperança para o pensar-ser-fazer das comunidades que precisam de referências humanizadas da sua existência.

BAOBAFRICANIZAR É POSSIVEL – A convite da equipe gestora da escola, aconteceu no dia 12.04.2024, às 9 horas, o PLANTIO DO BAOBÁ, na nossa escola. Esta parceria permitiu um dos momentos mais dignos das práticas que temos desenvolvido na unidade, com a participação do mestre TC, presidente da Casa de Cultura Tainá, que nos presenteou com a sua presença realizando o plantio de um BAOBÀ, na unidade, com toda a pompa e circunstância desse processo. Na ocasião os estudantes, professores e equipe gestora, puderam realizar diversas atividades e estudos sobre a importância e os valores representados pelo baobá, destaque para a confecção de uma camiseta personalizada para a ocasião, com arte da professora Carina Orioli. Na ocasião foi possível agradecer pessoalmente ao mestre TC e recebe-lo com o que melhor temos na escola, o carinho e o respeito de cada criança presente, gerando uma movimentação emocionante na comunidade. Sigamos confiantes e como afirma o mestre, BAOBÁFRICANIZANDO sempre!

ARTE E GESTÃO – A convite da equipe gestora da CEI Amélio Rossin, realizei um encontro on-line com a equipe de profissionais da escola, para apresentar um pouco do trabalho desenvolvido com o projeto africanidades-infomafricativo, por intermédio da vice-diretora Luciana Silva Batalha, que fez o uma ata contextualizando a conversa que tivemos. Segue um fragmento da ata, gentilmente encaminhado para os profissionais da unidade Oziel Alves Pereira, assim considerando:

“É preciso considerar que falar sobre Africanidades, sobre racismo, e sobre preconceito não é criar um gueto sobre os negros, mas trazer a percepção do negro sobre um conjunto de culturas e de modo de existir. Falar sobre Africanidades propõem algo que vai além da palavra racismo, ou antirracismo, é falar sobre algo que é libertador. É falar sobre amor e sobre amor próprio, e não sobre ódio, o que muitas vezes a palavra racismo não favorece. Pensar Africanidades é uma forma de reduzir o racismo dentro da escola. É pensar nas relações raciais a partir de um repertório que a cultura africana e afro-brasileira vem produzindo historicamente à revelia do racismo, para que o ambiente escolar seja mais

propício ao desenvolvimento de todos, onde a negritude, a raça negra, a cor de pele e as populações afro-diaspórica são referências para o pensar. Não é falar sobre escravidão unicamente, nem tão pouco sobre ódio. Africanidades deve ser um tema que garanta a humanidade do negro, não deve se limitar a uma data comemorativa, também não deve ser vista como uma atividade isolada no ambiente escolar, nem deve ser ministrada como um evento, mas sim, proporcionar práticas cotidianas constantes que buscam a história e a cultura afro-brasileira e também a indígena, por isso o decreto da PMC sobre a temática na SME em 2024.

Nas aulas em que ministra na rede municipal, o mesmo sempre trata do assunto “Africanidades” com seus alunos, e muitos deles sendo negros trazem relatos sobre as diferenças que vivenciam e que inegavelmente existem na sociedade, muitas vezes, produtora de desigualdades sociais e o quanto esses elementos afetam as vidas dessas crianças cotidianamente.

A grande totalidade de seus alunos não são criminosos, mas são criminalizados por serem negros e por morarem em um bairro periférico. Esses diálogos em suas aulas ajudam essas crianças a saírem do silêncio e da invisibilidade. É uma forma de organizar recursos humanos e de olhar com humanidade para as reais necessidades das crianças.

Lembra-nos que questões como pintar o corpo das crianças seguindo padrões das comunidades afro ou indígenas em seus rituais e vivências, ou mesmo fazer amarrações de adereços ou turbantes nas cabeças das crianças no ambiente escolar não devem ser visto como apropriação cultural, mas como uma forma de trazer essas culturas beneficiando os seus produtores. É trabalhar a humanidade dos negros, trazer a Africanidades desta forma, fará com que também haja um deslocamento do foco “apropriação cultural” e como pesquisadores estaremos tratando das sutilezas do contexto histórico-cultural.

O professor teve a oportunidade de ver através de algumas fotos, o trabalho que desenvolvemos na 1ª Festa da Integração de 2024. Trata-se de uma festa em que todos os agrupamentos se reúnem no quintal da escola para brincarem, e ficou bastante encantado ao ver as crianças da nossa UE brincando, dançando músicas e usando adereços que remetem a cultura africana e destacou que continuar com o trabalho dessa forma sem tratá-lo como um evento é um caminho bastante potente para abordar as questões da educação antirracista.

O grupo também teve a oportunidade de confeccionar a boneca Abayomi seguindo as orientações do professor. Para ele, quando uma criança negra experimenta o feitio da Abayomi, ela tem o direito a um brinquedo que traz a sua representação. É uma oportunidade da criança negra se sentir gente, antes de se sentir escravizada ou violentada. É um brinquedo que deve ter sido inventado por uma mãe que queria ver a sua criança feliz e representada. Confeccionar a boneca Abayomi é uma forma interessante de trabalhar um tema tão importante como o cabelo, por exemplo. O cabelo crespo cresce para cima, e ao confeccionar a boneca com tais características, se desconstrói a ideia de que cabelo deve ser chapado. Considera que “cabelo” é um tema a ser debruçado no universo escolar, sem ficar estritamente no campo da estética. Muitas vezes, o cabelo pode ser um impedimento para muitas coisas na vida de uma pessoa.

ETIÓPIA – KEMET é o nome original daquela terra toda. Todo o continente, se chamava Etiópia na realidade. O continente que hoje chamamos de africano. Mas aquela região chamada ou vulgarizada de Egito, chamava-se KEMET que significa exatamente a terra dos homens pretos. Egito é uma corruptela grega de um grande deus que era um NETER, chamado PITAR. O templo de PITAR era recoptar. Com o tempo acabou ficando Egito, que significa na verdade, templo do NETER PTAR.

Abidemi é uma criança negra, com cabelo crespo black power, seus olhos são castanhos escuros, sua boca é marrom, um pouco mais claro que o seu tom de pele, com o centro da boca meio rosado, não muito. Suas sobrancelhas são bem alinhada. Obviamente não é perfeita.

A Abidemi usa um longo vestido florido rosa, uma sapatilha simples, mais muito bem detalhada. Ela tem uma presilha de uma flor rosa. Na aldeia-cidade-escola, ela é conhecida como florzinha. Pois sempre está com detalhes floridos em seus looks. Que são simples, mas sempre bem arrumados. Uma de suas roupas mais marcantes era uma camisa de manga comprida, gola alta branca e um vestido verde.

UMA LIDERANÇA QUILOMBOLA por Vanderlucia Cutrin

Gostaria de compartilhar com vocês a história de uma menina negra, que precisou deixar o seio de sua família para acessar o conhecimento, pois em seu território na década de 80 só havia aulas em um alpendre de uma fazenda próxima a sua casa, que só frequentou uma vez e não quis lá voltar. O modo como a professora ensinava não a encantou, pediu ao pai que não a obrigasse a frequentar e sua vontade ele respeitou. Ela concluiu os anos iniciais em uma escola municipal, a qual recorda-se da professora por ser uma mulher de pele branca, cheia de sardas, trajando vestidos alinhados, um cinto marcando sua cintura, cabelos lisos, sempre presos, sapatos fechados de meio salto e para não dizer que não falou das flores, seu nome era Margarida, a dona do presépio mais organizado da cidade. E assim ela fez com que eu aprendesse a dividir e multiplicar, coisa que ela achava impossível.

Na década de 90 foi para a melhor escola estadual da cidade, cursar o Ensino Fundamental, dentre os/as professoras/es, tinha duas professoras negras, ela poderia ter memórias afetivas diferenciadas delas, eram negras como ela. A menina que era posta para fora da sala, por lembrar ao professor de Ciências que enquanto ela não compreendesse o conteúdo, ele tinha que explicar até que ela aprendesse e se mesmo assim não desse certo, ele tinha que procurar outros meios. Pra não dizer que não foi expulsa "saia da minha aula, você é muito atrevida"!.

Sempre tem aquela professora que te acolhe, que enxerga, que vê o que outros não veem, está lá guardada nas memórias, o nome dito com um sentimento de gratidão, Profª Isauber Pinto, com a caligrafia linda. Ela lembra até seu sobrenome, Língua Portuguesa era sua disciplina, e assim tornou-se sua disciplina predileta. Para não dizer que ela não teve a "professora" de pele não negra, sim ela teve. Então decidiu aos 16 anos cursar Eletricidade Predial no SENAI, curso essencialmente masculino, precisava prestar seletivo para entrar, e não é que ela conseguiu, onde a maioria dos colegas dizia o contrário (você não vai passar, é só homem).

Primeira menina a cursar eletricidade, com colegas todos meninos, só ela de menina e aqui hoje neste ambiente tem um desses colegas que esteve lá, com ela, no prédio machista, racista, homofóbicos, que nem mesmo com a presença de duas meninas sendo cursistas, sim tinha a colega corajosa da Mecânica de Automóveis, mesmo assim o sistema SENAI nada fez, porque nem ao banheiro de meias paredes podíamos utilizar, quando tentávamos, subiam nos vasos para nos ver. Lugar de mulher é pilotando fogão, com a barriga no tanque....Sedimentar caminhos é necessário para outras/outros possam trilhar para ocupa-los. Para não dizer que as conquistas são gratuitas, são frutos de muita luta das/os que nos antecederam.

Cresci....e pra dizer: eu prefiro ser essa metamorfose ambulante, professora me tornei.... Descobri muito quando aceitei o desafio de estar gestora de uma escola quilombola em 2013, sem experiência, com pouco conhecimento, até de mim mesma. Somos o único quilombo com uma biblioteca com acervo no terreiro, com sua organização diferenciada, damos formação em outros municípios, dialogamos com representantes do conselho de produção do Livro Didático, realizamos momentos de partilha com escolas urbanas e universidades estaduais e federais. [...]

Favoreçam um processo de enegrecer, afetuoso, amoroso, suave aos/as discentes das escolas em que estão, sejam crianças, jovens ou adultos, para que vocês possam ser lembrados para além do tom de pele, das roupas que vestiam, dos sapatos que calçavam, do penteado e das operações matemáticas ensinadas.

INFORMAFRICATIVO 57

EMEFEJA Oziel Alves Pereira – AFRICANIDADE É AFROCENTRICIDADE!

EDIÇÃO 57 – Julho 2024 – Circulação virtual - impressão: 2500 panfletos e 1000 cópias A3

EQUIPE GESTORA: Mariana D. Barreiras, Fernanda M. Bestetti, Ana Rosa Mobilon, Cintia C.Santos

ENDEREÇO: Rua Fauze Selher, 446 – Parque Oziel – Campinas – SP - CEP: 13049066

RESPONSÁVEL: Wilson Queiroz – wilsonq10639@gmail.com. F: 32696232

APOIO: CONEPPA – Coletivo Negro com Práticas Pedagógicas em Africanidades –
CEFORTEPE – Centro de Formação, Tecnologia e Pesquisa Educacional – GEPEC –
Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada.

CAMPANHA PERMANENTE: Biblioteca e Racismo: Quando o acervo é a prova do crime!

Acesse: <https://www.fe.unicamp.br/a-fe/biblioteca/recursos-line/boletim-informafricativo>

ABIDEMI, quebrando padrões por Adrielle F. A. Santana – 6º D – 20.05.2024

Abidemi é uma criança negra, com cabelo crespo black power, seus olhos são castanhos escuros, sua boca é marrom, um pouco mais claro que o seu tom de pele, com o centro da boca meio rosado, não muito. Suas sobrancelhas são bem alinhada. Obviamente não é perfeita.

A Abidemi usa um longo vestido florido rosa, uma sapatilha simples, mais muito bem detalhada. Ela tem uma presilha de uma flor rosa. Na aldeia-cidade-escola, ela é conhecida como florzinha. Pois sempre está com detalhes floridos em seus looks. Que são simples, mas sempre bem arrumados. Uma de suas roupas mais marcantes era uma camisa de manga comprida, gola alta branca e um vestido verde.

